

# PÓS-APOCALIPSE OU PARA QUE UMA REVISTA?

As revoluções são as locomotivas da história  
(Marx)

o amor é um ato sem importância



## EDITORIAL

A polícia arrasta uma mulher negra pela via asfaltada; um jovem negro é condenado a onze anos de prisão pelo crime de portar um Pinho Sol; uma travesti é espancada e seus algozes sorridentes filmam sua agonia, garantindo o tenebroso espetáculo; policiais em Pernambuco abrem fogo contra um jovem manifestante e o lançam em cima de um carro após arrastá-lo pelas ruas ensanguentado. Como se vê, a barbárie é condição de existência nos trópicos. Entretanto, enquanto isso ocorre diante de nossa costumeira insensibilidade, há aqueles para quem tais acontecimentos são só o prenúncio de uma catástrofe ainda por vir. E aqui o poema de Bertolt Brecht ganha sentido “não sou negro, não sou gay, não sou imigrante!”

Acreditar que o pior está por vir é uma forma tranquila de não ver a desgraça imperante. Lutar por um saudoso futuro nobre tornou-se a forma mais tranquila de se abster da transformação necessária ao pre-

sente. Pensar em um outro mundo possível é o modo mais conformista de não instituir novas formas de vida e sociabilidade. Por tudo, percebemos que o Império ganhou a gramática de nossa revolta. A denúncia disso é doravante pressuposto de toda a crítica.

Sendo assim, não nos cabe disputar espaços de poder senão destituir todo sistema de visibilidade imperante e de novo a experimentação, a criação e o poder do negativo guiam nossa práxis teórica. De novo a democracia “realmente existente” é questionada em nome de uma democracia direta, cuja ação direta, o enfrentamento sem mediações, o escândalo de dizer o óbvio são as iconoclastias necessárias para instituir um novo corpo político. Um novo corpo imaginário que vibra no martelo de um menino ao ser lançado contra um caixa eletrônico e nas letras gritadas pelos poetas que se multiplicam nas periferias da grande babilônia.

A “violência é a parceira de toda so



cidade velha que está prenhe de uma sociedade nova” já havia nos dito Karl Marx. Mas, nós, os cornudos de esquerda dos tristes trópicos, fomos alheados a partir do sistema de representatividade criado por um Estado policialesco que manteve um regime sanguinário por vinte anos. Alguns intelectuais confirmaram a sentença da farsa e como Dick, o louco personagem de David Copperfield, enviavam sinais através de uma pipa lançada aos céus sem endereço certo. Mas nós ignoramos tais sinais até que tudo se acabou. Tudo ruiu e não há um horizonte crescente possível. O progresso fora substituído pela gestão da crise. E o discurso da crise tornou-se forma de contenção e manipulação programática.

Destituir uma sociabilidade que aderiu organicamente a causa do Império é uma premissa urgente. Seu ponto de partida é a identificação da alteração operada e a reestruturação ofensiva do modo de produção capitalista que sobreveio justamente quando a modernização fracassava em todos os sentidos. O toyotismo, o just-in-time, a automação, flexibilização, descentralização e precarização são alguns dos aspectos da virada sistemática e da criação de uma psique que viveu entre o triunfalismo com o nada e a melancolia com tudo. A crise e o revolucionamento do sistema se tornariam permanentes e desde os anos 1970 tal forma de vida vive de ecos nostálgicos e destrutivos soluços violentos.

Existe, portanto, toda uma mobilização da “vigilância”, toda uma busca pelo autocontrole que vende centenas de livro de auto-ajuda numa era de violência implacável. Todos querem se curar. E do Oriente ao Ocidente a extrema direita triunfa sob a suspeita milenar e alucinatória frente ao Outro negativo, agora encarnado na figura do forçado exílio imigrante. Enquanto isso, a esquerda é atropelada e recolhe silenciosamente seus cacós conceituais em sua busca do tempo perdido.

Nossa revista nasce em meio a este cenário apocalíptico e, como regra geral, a

incandescência histórica nos entrega em mãos o privilégio de aumentar a legibilidade teórico-crítica de nossa época. São sob as linhas de fogo no Campo Aberto que atuaremos em três barricadas: 1) um projeto de revista acadêmica que, no silêncio noturno da meditação e paciência do conceito, não tem intuito de sobrepor à elaboração teórica a prática, mas vê na própria teoria sua práxis e na forma artística sua realização; 2) A elaboração da Ordem do Dia, espaço criado para artigos de intervenção direta no debate público e nos temas candentes de nossa época; 3) projeto audiovisual que se vale das formas do cinema como plano difuso para organizar um imaginário, assim como um corpo político imaginário.

Esta tríade de atuação não é vã, mas reflete o praticismo irresponsável e o filisteísmo agourento que infelizmente grassou em grande parte da esquerda e que constituiu seu dialeto padrão, reforçando a derrota. Da putrefação de seu legado nada mais empesteia o ambiente do que a busca pela afirmação de identidades que reforçam os nichos de mercado. Do mesmo modo, toda a profissão de fé e o culto ao trabalho seguem uma cantinela dissonante em relação ao tempo presente e, assim, o naufrágio no oceano de contradição conceitual fomenta o riso inimigo.

Sob a égide do espetáculo, os obreiristas se acotovelam em cima dos carros de sons tentando canalizar a revolta para falar em seu nome. Da Grécia à Tunisia milhares invadem os parlamentos e descobrem que o poder não está lá. Como o Grande Irmão de George Orwell, a coesão do capital é garantida pelo simulacro imagético da propaganda estampada nos outdoors e repetida incansavelmente do nascimento até a morte do consumidor. Agir e agir torna-se aí a forma de não fazer nada e, ao mesmo tempo, uma ótima desculpa para ocultar das vistas o apocalipse já vivenciado. Afirmar esse vazio, essa “ruptura-em-relação-a”, um sujeito negativo, só podem ser tarefa da crítica e, nesse ponto, a revista ganha sua razão de existência.